

## RESENHA

### UMA HISTÓRIA A SER RE-CONHECIDA: AUGUSTE BÉBIAN E A LÍNGUA DE SINAIS DOS SURDOS

BERTIN, Fabrice. **Auguste Bébian et les Sourds: le chemin de l'émancipation.** Suresnes/Nîmes: INSHEA/Champ Social, 2019. (Recherches).

**José Raimundo Rodrigues<sup>40</sup>**

Pesquisas acerca dos aspectos históricos das línguas de sinais permanecem como um campo ainda a ser devidamente estudado apesar de tudo o que se tem produzido e popularizado nos últimos anos. O livro de Fabrice Bertin, professor surdo francês, é resultado de sua tese de doutorado defendida em 2015 na Universidade de Poitiers sob a orientação de Jérôme Grévy e publicada em 2019. Bertin dedicou-se a refletir sobre um personagem desconhecido por muitos pesquisadores das línguas de sinais no Brasil: Auguste Bébian (1789-1839). Nas 348 páginas, mais que uma biografia no sentido estrito do termo, nota-se um exercício de pesquisa histórica em que se ressalta a relevância de Bébian para o estudo das línguas de sinais e como sua história contribuiu para uma emancipação dos Surdos, podendo, portanto, se afirmar que se trata de uma obra biográfica atenta à uma pouco re-conhecida incidência antropológica.

A narrativa tradicional, amplamente divulgada entre o público brasileiro, considera o linguista William C. Stokoe como quem, na década de 1960, após estudos sobre a *American Sign Language*, conferiu às línguas de sinais uma estrutura tal que permitiu que ao redor de todo o mundo também se iniciassem processos de valorização

---

<sup>40</sup> Licenciado em Filosofia pela PUC-MG; mestrado em educação pelo PPGE-UFES; doutorando em Educação pelo mesmo programa na Linha Educação Especial e Processos Inclusivos.

das línguas de sinais não mais como mera gesticulação ou linguagem, mas como línguas específicas de uma minoria. Não obstante, essa narrativa costuma remeter ao Congresso de Milão, ocorrido em 1880, uma nefasta proibição do uso das línguas de sinais com resultados desastrosos para os surdos que perdurou por quase 80 anos, sugerindo um quase apagamento da vida dos surdos neste período. O livro de Bertin insere-se aqui como um convite a um mergulho na história dos surdos e a encontrar em Bébien um personagem que nos permite conjecturar outra possibilidade narrativa, com uma valorização da língua de sinais utilizada na França nas primeiras décadas do século XIX, grande produção pedagógica e um impulso que gerou Surdos que, certamente, não sucumbiram a Milão. Desta forma, para além de Stokoe e de Milão, descortina-se a necessária pesquisa sobre um passado mais remoto para que se re-conheça o papel fundamental de Bébien na história das línguas de sinais.

Fabrice Bertin evidencia no preâmbulo de seu livro que as biografias são escritas em meio ao perigo de anacronismos, valorização de pessoas ilustres, uso excessivo da ficção ou da hagiografia, gerando sérios problemas aos historiadores. Tomando criticamente a biografia escrita sobre Bébien por seu aluno surdo Ferdinand Berthier em 1839 e considerando-a como peça fundamental. Apesar de sua dimensão mítica e lendária, Bertin avança sua pesquisa para as fontes documentais na França e no Caribe. Assim, o que Bertin nos apresenta aproxima-se muitíssimo de uma biografia dos infames, dos esquecidos, dos anulados pela história, mesmo que Roch-Ambroise Auguste Bébien seja lembrado por alguns na comunidade surda. A escolha de Bertin pelo gênero biográfico, compreendido desde uma elaboração fartamente fundamentada em fontes primárias projeta luz sobre Bébien e permite aos pesquisadores da área da educação de surdos aproximarem-se de um homem que se expressou, junto aos surdos, como professor, escritor, pedagogo, mas, sobretudo, como um emancipador ao legitimar o uso dos sinais por seus alunos e publicar trabalhos em que esse uso constituiu-se como uma maneira de ser Surdo.

A história dos surdos, como bem o percebe Bertin, confunde-se com a história da educação de surdos. Isso gerou uma concentração de foco sobre a pessoa do abade l'Épée que funda em Paris, no ano de 1760, na rua dos Moulins, a primeira escola

destinada aos surdos, considerado-o como o “pai dos surdos”. Se essa história dos surdos está exagerada intrinsecamente vinculada ao fato da iniciativa filantrópica de l’Épée, abre-se, pois, a questão sobre uma possível “pré-história” dos surdos. Bertin reconstrói elementos dessa pré-história, retomando aquilo que é considerado sedimentado, mas quase sempre sem a necessária fundamentação e recurso às fontes. Numa visão panorâmica, o autor nos coloca em contato com a situação dos surdos na Idade Antiga e na Idade Média, sugerindo-nos que tais etapas carecem de aprofundamentos para que não se perpetue uma vitimização dos surdos nestes períodos nem se cometam anacronismos ao se criticar, por exemplo, alguns filósofos sem deles ter uma compreensão de conjunto e leitura de suas obras. Esta parte introdutória do livro propõe revisar tudo o que se tem facilmente falado acerca dos surdos antes de l’Épée e consideramos, independente do restante do livro, que esta já permite um exercício emancipador.

No capítulo primeiro, Bertin tem por objetivo identificar o lugar de Bébien na historiografia surda. Reconhecendo que a historiografia tornou Bébien um personagem esquecido, o autor faz uma breve retomada de alguns dados biográficos iniciais. Bébien nasce em Guadalupe no ano de 1789 (1791?) e entre seus 11-13 anos foi enviado para estudar em Paris, sendo, posteriormente, batizado pelo abade Sicard, sucessor de l’Épée na direção do Instituto Nacional de Surdos-Mudos de Paris. Durante as férias, Bébien passa a frequentar o instituto e interagir com os internos, tornando-se profundo conhecedor dos sinais utilizados por eles. Mais que um conhecedor da língua existente entre os surdos, Bébien capta as humilhações que aquela minoria experimenta sob a direção de Sicard cujos interesses pedagógicos se distanciaram da proposta de l’Épée. Em 1817 Bébien foi nomeado repetidor no Instituto parisiense e isso será determinante para seu futuro, pois se iniciarão aí suas publicações claramente contrárias às práticas que se tornavam majoritárias na instituição.

O segundo capítulo do livro é intitulado *Dos surdos aos Surdos*. Fabrice Bertin assume uma prática convencionada por James Woodward que, pela primeira vez, em 1972, usou a distinção da inicial maiúscula para referir-se às pessoas que se entendiam numa diferença cultural, portanto numa identidade, e não numa condição de deficiência. Neste capítulo, o autor ressalta que, como os surdos, apesar de ser uma população

numerosa e dinâmica, experimentaram uma invisibilização. Bertin credita a Bébian o fato de permitir aos surdos a compreensão de que viviam em uma condição cultural distinta, comparada à dos ouvintes, e isso os coloca em um novo patamar como Surdo. Exemplo mais imediato disso foi a iniciativa dos banquetes de Surdos, ocasião em que, liderados por Ferdinand Berthier, os Surdos organizavam reuniões em que debatiam suas demandas e propunham ações que os beneficiassem na vida social, permitindo-lhes uma inserção na sociedade. Bertin recupera que uma sociedade de Surdos só foi possível porque a defesa dos sinais por parte de Bébian resgatou o sentido da obra iniciada por l'Épée, posteriormente, ultrapassando-o e fomentando um sentimento de pertencimento que não se ligava ao aspecto geográfico, mas à diferença cultural que os unia.

Do contato com Bébian, emerge, pois um novo paradigma acerca dos Surdos e, essa temática, ocupa o terceiro capítulo da obra. Bertin introduz o leitor nas publicações de Bébian ressaltando nelas o caráter inovador e diversificado. Em apenas oito obras, Bébian foi capaz de mobilizar uma comunidade aparentemente dispersa e gerar os fundamentos para uma virada antropológica, ou seja, saber-se como Surdo. Bastante cuidadoso na contextualização da atuação de Bébian, Bertin explicita como o estilo dos escritos parece devedor da língua de sinais, podendo se considerar que as obras têm na linguagem escrita uma valorização da metáfora, dos aspectos visuais, à maneira das línguas de sinais. Neste capítulo o autor percorre também os conflitos enfrentados por Bébian por opor-se à proposta pedagógica majoritária e com ênfase na oralização, suas atuações em Paris e na escola de Rouen, seu declínio financeiro e adoecimento, culminando com o retorno à Guadalupe em 1834, vindo a falecer, possivelmente, em 1839.

No capítulo quatro, Bertin detém-se em demonstrar como o olhar antropológico de Bébian em relação à surdez revela-se como emancipador e de vanguarda. Segundo Bertin, “*por que e como educar os surdos?* poderia resumir de uma certa maneira o pensamento e a luta de Auguste Bébian” (p. 169). A aposta numa autonomia dos surdos guia o pensamento de Bébian. A ideia de uma educação inteiramente realizada com o uso dos sinais naturais, considerados em conjunto como um sistema linguístico, deixando de lado os sinais metódicos, é uma inovação. Bébian

experimenta tal metodologia com o surdo Ernest e afirma não trata-se de uma receita milagrosa na educação de surdos, porém suporte indispensável para se pensar uma pedagogia para os surdos. Ao se analisar *Le Manuel d'enseignement pratique des sourds-muets*, Bertin considera que Bébien estabelece premissas para uma educação bilíngue equilibrada. Ao reconhecer a importância do aprendizado da língua nacional escrita, Bébien não diminui o valor dos sinais, nem faz deles meros instrumentos para o ensino. É a compreensão da diferença de ser e estar no mundo que conduz as proposições de Bébien, fazendo com que suas obras tenham sempre o surdo como referencial. Neste sentido, a obra de Bertin nos brinda com várias reproduções dos desenhos e esquemas didáticos elaborados por Bébien. À frente de muitos de seu tempo, e numa época de restrições às liberdades, Bébien funda um jornal que se destinava a compartilhar experiências pedagógicas no ensino de surdos. Digna de merecida atenção é o *Examen critique de la nouvelle organisation de l'enseignement dans l'Institution royale des sourds-muets de Paris*. Bertin nos coloca em contato com a argumentação feita por Bébien, ponto a ponto, diante do que se pretendia se instaurar no Instituto onde ele trabalhara. Escrito no seu último ano na França, tal obra permite comparar a genialidade de Bébien e sua valorização dos sinais em contraposição com a crescente onda focada na oralização dos surdos.

O último capítulo é destinado à reflexão sobre a condição de pedagogo de Bébien. Bertin, embora já o tivesse demonstrado em vários momentos ao longo do livro, insiste na capacidade de Bébien em refletir didaticamente diante da necessidade de se educar os surdos. Considerando que o princípio de autonomia do surdo jamais poderia ser abandonado, Bébien elaborou uma obra que tinha por finalidade registrar a língua de sinais utilizada na França. Tem-se, portanto, em *La Mimographie ou essai d'écriture mimique, propre à régulariser le langage des sourds-muets* uma primeira elaboração que no intuito de unificar a língua usada pelos surdos, permite também aos outros surdos a aprenderem. Bébien combate assim a crítica do espontaneísmo dos sinais. As pranchas que mostram a forma como Bébien elaborou a possibilidade de registro dos sinais são verdadeiros exemplares de uma escrita de sinais que colocam em xeque qualquer sugestão de que a ideia de língua de sinais só poderia ser pensada a partir do século XX. Outra

marca didática de Bébien é sua insistência de que no aprendizado escrito da língua oral oficial do país os surdos aprendessem as palavras sem necessidade de saberem soletrá-las como se percebe na obra *La lecture instantanée, nouvelle méthode pour apprendre à lire sans épeler*. Bébien considera a aquisição da leitura por uma criança surda como elemento essencial para seu desenvolvimento escolar.

Bertin encerra seu livro com um relato metodológico de como foi possível acessar a inumerável quantidade de fontes. Esta apresentação, ao final do livro, permite ao leitor conhecer como se deu metodologicamente essa arte de compor uma biografia sem resvalar em erros tão comuns e comentados pelo autor no preâmbulo. Demonstra-se aí também uma séria honestidade de pesquisador que não teme em compreender que os métodos somente são devidamente publicáveis desde que sejam uma recomposição do caminho percorrido e não somente uma projeção idealizada. O livro ainda contém cerca de 10 anexos: a) genealogia de Bébien; b) controvérsias sobre a data de seu nascimento; c) cronologia de Bébien associada à história da França e de Guadalupe; d) investigação sobre a notoriedade do pai de Bébien em Guadalupe; e) desenhos de pranchas extraídos de obras de Bébien; f) estatística sobre a imprensa surda no século XIX; g) relatório do Conselho Administrativo do Instituto Nacional de Surdos-Mudos de Paris; h) petição elaborada em 1830; i) Prospecto do jornal elaborado por Bébien; j) Lista das obras de Bébien. Esse conjunto de anexos abre-se para os pesquisadores como possibilidade de novas investidas históricas sobre o desconhecido Bébien.

Re-conhecer Bébien na qualidade de personagem de extrema importância para uma emancipação dos surdos foi tarefa extremamente bem desenvolvida por Fabrice Bertin. Seu livro desencadeia uma série de problematizações acerca da história da educação de surdos que continuamente repetimos. Há um passado que necessita ser melhor pesquisado e o que Bertin realizou descreve pistas de como é possível ler outras fontes para se escrever outra narrativa.

De leitura fácil e estilo envolvente, Bertin nos lança neste lugar das inquietudes acerca do passado com uma grande certeza: sabemos muito pouco. Tendo como fio condutor inúmeras referências à biografia escrita por Ferdinand Berthier, mas conjugando-as com os textos das obras de Bébien, Bertin propicia uma reflexão que vai

abrindo questões e nos apresentando outros tantos personagens e muitos outros documentos. Sem dúvida, a riqueza documental é ímpar e pode aguçar pesquisadores. Do que Bertin não realizou ou, talvez, o que possamos criticar de sua forma de elaboração biográfica de Bébian, uso das fontes, possíveis anacronismos, abrindo oportunidades para várias interlocuções que o autor não procura escapar, pois parece permiti-las como forma de nos incitar. Uma tradução da obra para o público brasileiro seria bastante apropriada em tempos em que o passado, mesmo o mais recente, costuma ser esquecido.